

“Caboverdianas da diáspora”.

Transformações na imigração feminina em Itália

Iolanda Maria Alves Évora

Investigadora Associada, CESA, Centro de Estudos sobre África e para o
Desenvolvimento, ISEG, Universidade Técnica de Lisboa

Na actualidade das sociedades desenvolvidas verifica-se uma crescente substituição da estrita conotação econômica da imigração pela temática da imigração e dos imigrantes que reenvia à idéia de uma imigração que se instala. Actualmente, nos países desenvolvidos da Europa, a atenção não recai somente sobre uma mão-de-obra descrita de forma um pouco caricatural como masculina, celibatária e operária, mas também a uma população feminilizada, tendo crianças nascidas e tocada por um relativo envelhecimento (Spire, 1999). Em Itália, a imigração caboverdiana acompanha o envelhecimento geral mas relativo a uma imigração tradicionalmente descrita como mão-de-obra feminina, celibatária, católica praticante e empregada doméstica, à qual acrescenta-se na actualidade, homens em segunda imigração ou trazidos de Cabo Verde pelas mulheres já instaladas, crianças nascidas ou também trazidas.

È sobre estas populações e suas formas de adaptação aos locais de destino que recai a preocupação central dos estudos da migração contemporânea; como resume Lebaron (1999), as ciências sociais procuram distinguir e categorizar fatos tão diversos como as práticas culturais, as trajetórias educativas ou as relações com o mercado de trabalho, com referência à sua origem geográfica. No âmbito da psicologia da imigração, as formas de adaptação ou fixação

dos imigrantes são estratégias de aculturação que resultariam do contato entre dois grupos e a criação de um espaço intercultural, no seio do qual se formam as fronteiras culturais e as relações sociais, vista como experiência adaptativa (Berry, 2001). São estudados os fatores contextuais ou psicológicos, as variáveis intervenientes e as áreas atingidas pelo processo de adaptação, mais especificamente, as respostas cognitivas ao contato e à mudança, os recursos psicológicos e o tipo de percepção que se tem da mudança (Berry, 1999; 2001). Dois aspectos são essenciais: a preservação das características do grupo (determinante para que o grupo imigrante se mantenha culturalmente distinto ou empreenda a fusão) e o contato entre os grupos (que define a penetração ou o nível em que o novo grupo é ignorado pelo outro).

Afirma Berry (1999, p.189) que as estratégias não têm caminhos pré-fixados: o indivíduo ou o grupo experimentam diferentes opções, inicialmente, por exemplo, conduzindo-se para a assimilação e, posteriormente, optando pela integração. Ou elas podem se apresentar inconsistentes quando, por exemplo, ocorre assimilação econômica e/ou lingüística, mas não em todas as outras áreas da vida cotidiana. No entanto, as diferentes alternativas de adaptação constituem um continuum, desde os resultados de uma assimilação total dos imigrantes à sociedade de acolhimento, a diversas alternativas que incluem, por fim, os extremos da segregação e exclusão desses habitantes de origem diversa (Berry, 2001).

Um dos principais modelos de adaptação da actualidade, o multiculturalismo, é apontado como o mais favorável à integração nas sociedades desenvolvidas plurais mais procuradas pelos imigrantes, entre as quais incluímos a Itália, lugar de imigração das mulheres caboverdianas a partir dos anos de 1960. Conforme Berry, a integração ou multiculturalismo significa que os imigrantes adotam os valores básicos da sociedade, integrando-se como um grupo específico, e ao mesmo tempo, compartilham o desejo de preservar a herança cultural do grupo e têm a vitalidade para tal (1999; 2001). Por seu lado, a sociedade de recepção deve estar preparada para adaptar as suas instituições e assim responder às necessidades dos diferentes grupos. Como resultado, haverá um número grande de grupos etnicamente diferenciados, todos co-operando dentro do sistema da sociedade mais ampla (op.cit.1989, p.188)¹, o que favorece a acomodação e aceitação mútuas dos direitos de todos os grupos de viver como pessoas culturalmente diferentes dentro da mesma sociedade.

¹ Sobretudo a realidade do Canadá amplamente estudada por Berry, serviu ao autor para a formulação de uma perspectiva favorável a esta opção. O autor defende que a criação de uma sociedade multicultural em que todos têm espaço para se manifestar enquanto grupo com uma originalidade específica, sem a aversão dos demais, se mostra a mais propícia para incluir os múltiplos grupos que, paulatinamente, foram construindo as atuais sociedades de imigração.

Pelas suas características, o multiculturalismo parece ser a situação social favorável às sociedades desenvolvidas plurais como, em simultâneo, à existência das diásporas modernas, segundo os teóricos, constituídas como minorias étnicas de migrantes que vivem em países de acolhimento mas conservam fortes laços afetivos e materiais com seus países de origem (Bruneau, 1994). As experiências de diáspora mostram que se formam quando a nação pode enviar para grandes distâncias pessoas que guardam coesão, conservam laços de origem com a terra mãe, formam minorias nacionais em terra estrangeira, e ampliando a noção de espaço nacional, ao mesmo tempo, perdem o sentido de limite territorial. Nestas circunstâncias, atribui-se ao poder de um ideal colectivo a capacidade de conservar ao grupo imigrante a sua autonomia material e espiritual.

Os contextos multiculturais favorecem a existência destes grupos já que uma diáspora pressupõe uma fraca assimilação nos lugares de destino; os indivíduos podem estar perfeitamente integrados e aculturados mas não são assimilados, senão perderiam a sua consciência identitária e não pertenceriam a uma diáspora, por isso, apresentam características próprias que as separam das sociedades de acolhimento (Bouix, 1993). É no seio da diáspora que são fornecidas ao imigrante as imagens antecipatórias sobre os lugares de destino, servindo estas para atrai-lo, controlá-lo e aos seus movimentos e passos. A pertença à diáspora resulta numa forma de controle exercido pelas comunidades de origem, por mecanismos sociais e conjunto de categorias que servem como receitas para a pessoa ver, esquadrihar, andar, observar e sentir na imigração.

Categorização e inserção para o trabalho

Aliada às preocupações dos grupos de origem com uma inserção que não altere as ligações dos indivíduos com a sua origem, afirmam os críticos que, para as sociedades de acolhimento, o multiculturalismo como modelo de integração reflecte a urgência e a preocupação dos grupos dominantes em denominar uma população a integrar, a saber, os imigrantes, e o temor de uma identidade nacional ameaçada. Quando a estratégia adotada é a de integração, como refere Spire (1999), a institucionalização da categoria de imigrante corresponde ao trabalho de construção social de uma população, à legitimidade da sua existência e ação².

² Para isso, convergem os resultados das pesquisas em demografia, a necessidade política de fornecer um conteúdo sólido a uma categoria do senso comum já em vigor e, ainda, assiste-se ao aparecimento de instituições e de agentes especializados para lidar com tal população, agora classificada (1999, p. 52).

Aplicado às realidades sociais de indivíduos e grupos vivendo circunstâncias similares às das mulheres caboverdianas em Itália (imigrantes num determinado período histórico, constituindo uma minoria étnica ou racial e de género, pertencentes à classe social mais baixa, oriundos das regiões mais pobres do mundo), este modelo pressupõe que as transformações prováveis nos percursos individuais e colectivos cabem na categoria social de “imigrante”.

De facto, tem-se conferido a esta categoria a finalidade de descrever um ciclo de vida prefigurado desde o momento em que a pessoa chega ao lugar de destino e todo o percurso que ali realiza. A definição reenvia a um tipo de progressão padronizada de posição social que está associada a determinado movimento regular de pessoas que adotam ou abandonam posições sociais em grupos organizados, conferindo-se à categoria, até mesmo a qualidade de fornecer a explicação satisfatória das crises e dificuldades de adaptação ao novo meio social. Diversos autores alertam para o excesso de significação contida na definição “imigrante”, à qual tem-se atribuído maior valor de informação do que outras informações sociais a respeito das pessoas nos lugares de destino (Spire,1999;Sayad,1999;Dasseto,1990). De facto, tanto esta categorização social como todas as definições que lhe estão associadas ou dela são originárias (etnia, género, raça, nacionalidade, classe social e cultura) têm sido aplicadas como se pudessem contemplar o que é mais sólido e essencial das localizações sociais e identidades dos indivíduos e grupos em situação de imigração. Conforme Bauman, são categorias fundadas em supostas diferenciações genéticas ou culturais, transformadas quase que numa segunda natureza que mantém os imigrantes prisioneiros dos seus genes ou da sua tradição cultural, uma vez que referem-se a traços e diferenças (côr da pele, etnia, género) que estão, em princípio, para além do conserto, principalmente por serem interpretados como sinais exteriores de um interior que não cede facilmente às habilidades cosméticas humanas (Bauman, 1999).

A categoria “imigrante” foi generalizada a ponto de tornar-se um sistema de classificação estandardizado, sendo compartilhada pelos diferentes participantes do processo migratório, desde as sociedades de emigração e imigração aos próprios sujeitos do movimento, traduzindo acordos universais acerca dos papéis, traços, actividades, crenças e comportamentos característicos de um “imigrante” e suas experiências imigratórias (Lebaron, 1999; Spire, 1999).

É por isso que no nível explicativo da realidade social das mulheres caboverdianas a viver em Roma, encontramos correspondências com a matriz discursiva oficial que orienta parte das concepções sobre este grupo acerca das razões da sua estadia e das interferências essenciais do facto imigração nas mudanças das identidades pessoais e colectivas. É pela legitimidade de uma existência conferida essencialmente pela condição de imigrante que as mulheres descrevem o tipo de carreira que devem completar de forma razoavelmente esperada:

chegar, instalar-se de forma provisória, reconhecer os nacionais como empregadores e patrões benevolentes para com a sua estadia, reconhecer-se e assegurar que é reconhecida pela sua origem e pelo motivo porque ali está, ocupar física e simbolicamente o lugar social atribuído aos imigrantes, ajudar a família em Cabo Verde, reafirmar por meio de acções as intenções de retorno.

Somam-se as descrições das interações sociais com acento no contato cotidiano com os autóctones e suas instituições, caracterizado por assimetrias que conferem privilégios aos autóctones e subordinação às imigrantes³. Estes aspectos são descritos por meio do que é central nos discursos das mulheres: a referência ao trabalho como razão da migração, detentor do sentido e da justificação de cada biografia e motivo para se permanecer num lugar que, aparentemente, não parece disposto a oferecer mais nada. De tal forma o trabalho carrega o sentido da vida na imigração que a sua ausência do trabalho é apontada pelas mulheres como o principal motivo para a ocorrência da ruptura psíquica no lugar de destino.

Mas a natureza do trabalho doméstico que a maior parte das mulheres realiza nesta imigração não favorece as atitudes reflexivas em relação às condições de trabalho, pois os seus padrões normativos são entendidos por um grande volume de tempo e trabalho dedicados a satisfazer as demandas do grupo doméstico e da casa (Abreu e Sorj, 1993) e o tipo de infraestrutura doméstica reduz o controle sobre tais condições e sobre a produtividade em relação ao que é oferecido de recurso e instrumento para cumprir as tarefas (Lautier e Pereira, 1994).

Em síntese, e tal como referido pelos discursos dominantes sobre este tipo de imigração, também das mulheres imigrantes referem-se a um mundo que em grande medida sempre contém estruturas sociais visíveis (ligadas ao trabalho, por exemplo) e é marcado por comportamentos bastante regulados, incluindo as condutas recíprocas, esperadas, de autóctones e imigrantes. Mas tal como outros mundos sociais ou agrupamentos abstratos, é característica principal não a sua organização bem consolidada nem extensiva -expressa, por exemplo, no que é esperado do imigrante e no que lhe é destinado- mas exatamente o oposto, ou seja, o seu carácter frouxo e difuso que pode ser reconhecido no que as mulheres descrevem como sendo as suas reinvenções e experiências no cotidiano, incluindo as suas dimensões cognitivas e comunicacionais.

Por exemplo, em relação ao trabalho doméstico, por um lado descreve a participação das mulheres num mundo restritivo e a realização repetitiva de tarefas diárias relativas a um tipo de trabalho que não é percebido como trabalho profissional ou avaliado em termos puramente

³ Para uma descrição detalhada, ver Évora, Iolanda (*Des) atando nós e /re) fazendo laços: aspectos psicossociais da imigração feminina caboverdiana em Itália*, tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2003 (mimeografado).

racionais. Ao mesmo tempo, exige que encontrem um equilíbrio entre estar presente na intimidade de pessoas e famílias, estar muito próximas a condutas mais íntimas características de um ambiente doméstico e reconhecer a sua não participação nesse mundo. A referência à solidão e exclusão é ilustrada objectivamente pela distância e o contraste das condições em que vivem (nos lugares mais sombrios, afastados e húmidos das residências ou da cidade) e subjectivamente pela não inclusão nos momentos e espaços de lazer e convívio (durante as refeições em família, por exemplo) ou o despedimento e a expulsão das casas em que trabalho face a uma gravidez, símbolo inequívoco da presença de outras partes de si que também são trazidas para a Itália além do corpo-trabalho.

Em geral o trabalho não garante o sentimento de valor pessoal e a auto-estima; as ações e manifestações das mulheres são ignoradas como formas de um sujeito cujas necessidades não se reduzem às do sujeito do trabalho. Não se costuma reconhecer a necessidade que as mulheres têm de manter sobre controle muitas variáveis no trabalho o que, como pudemos verificar, exige maturidade, obstinação, apego à obrigação e à disciplina. Sobretudo, exige uma consciência constante de que a sua presença, a proximidade de corpos não faz desse o seu lugar e de que o trabalho mantém-se afastado dos resultados que traz, do alto valor que representa para as vidas que dele dependem em Cabo Verde. Estas últimas atribuições mostram como de forma intrínseca, trabalhar é mais que sobreviver e sobreviver é mais que trabalhar “ de certo modo é colocar as coisas no lugar, arrumar o mundo, dar ordem nas circunstâncias que de outra maneira, seriam devastadoras” (Mello, 1985, p.277)

Sobretudo as presenças cada vez mais duradouras nos lugares de destino evidenciam as contradições entre as exigências de tal actividade, o valor negativo atribuído às mulheres que a realizam e o valor positivo dos seus resultados, não alcançando grande parte das experiências sociais possíveis na imigração e outras localizações sociais experimentados nesses contextos; equipado de novas experiências, o indivíduo descobre novos sentidos e ordenamentos para a sua carreira e percurso, nem sempre contempladas pelas categorizações *a priori* e com implicações evidentes para as identidades e identificações.

Identidades e práticas transnacionais

Uma visão dinâmica da identidade, pela relação entre biografias e processos sociais como diz Strauss (1998) esclarece sobre a forma como significados suplementares são constantemente acrescentados à experiência de imigrante, tornando o seu significado inerentemente instável e a sua busca de fechamento (a identidade) constantemente perturbada pela diferença. Tratando-se de constelações identitárias associadas ao facto imigração, esta

dinâmica coloca complexidade em cima de complexidade, em particular, porque não se pode afirmar plenamente que numa circunstância do cotidiano, a evidência de uma identidade situacional na ação de um indivíduo signifique que as demais identidades são colocadas em suspenso para a actuação daquela.

Partindo das suas experiências concretas, as imigrantes apresentam a integridade das complexas relações que mantêm com a realidade (Mello, 1985), e de modo comparativo, em relação a outras constelações identitárias igualmente importantes nos seus contextos de vida actuais. E se as relações na imigração costumam descrever este período como fase crítica e de aprendizagem, também permitem afirmar que envolve extrema mistura social e extensos contatos comunicativos, resultando na validação e revalidação de novas concepções descobertas em nós mesmos.

Nas narrativas encontram-se as referências a outras localizações sociais das quais a de membro de uma diáspora é das mais salientes. Uma diáspora supõe que a partir da dispersão de um povo em diversos países de acolhimento se manifesta um laço comunitário e se afirma uma territorialidade. O território de origem está presente na memória, a nação de origem procura dominar a sua diáspora e servir-se dela para seus próprios fins. Seus espaços descontínuos, reticulares, policêntricos privilegiam a escala local das comunidades e a escala internacional das redes de circulação. Experiências como a da diáspora caboverdiana cabem nas definições que privilegiam a aplicação da noção a povos sem Estado ou de um pequeno Estado-nação, que compreende a maior parte de um povo e é composta por um número maior do que os que ficaram (Bouix, . De longa duração, resultam de numerosas vagas migratórias, de origens diferentes nem sempre económica, alimentam uma memória colectiva e são a condição que reforça a solidariedade, supõem riqueza na organização cultural e a manutenção de contactos com a origem sob diversas formas reais ou imaginários.

A literatura confirma que a pertença a uma diáspora é por escolha voluntária e consciente e no caso aqui tratado a identidade se define, em parte, pelos aspectos mais referenciados das relações entre origem e destino: as trocas de bens materiais e ajuda financeira, o significado simbólico de Cabo Verde, a influência de um passado no seu presente e as perspectivas de um futuro no lugar de origem. Entretanto, para além desses aspectos, as mulheres referem-se com particular ênfase às práticas identitárias transfronteiriças, pelas quais se encontram envolvidas com outros caboverdianos - familiares e conhecidos- vivendo em seus respectivos lugares de imigração, em especial, em outros países da Europa como Portugal, França, Holanda, Luxemburgo e Bélgica.

Pelas descrições recolhidas, este relacionamento transfronteiriço mais amplo acciona o pertencimento a outras localizações sociais que derivam desta comunidade formada pela diáspora, resultando em intensos investimentos e ocorrências sociais significativas nos espaços “entre lugares”, por exemplo, por meio de encontros em períodos de férias comuns em algum dos lugares de imigração ou de origem, participação em festas por ocasião de eventos como casamento, nascimento, batizado ou morte de alguém próximo e contactos frequentes pelos meios de comunicação actuais. Estes contactos servem para a retomada ou a constituição de laços afectivos com pessoas conhecidas nos lugares de origem ou que vivem junto a amigas e conhecidos em seus lugares de imigração como um amigo de infância que vive junto ao familiar da imigrante. Os reencontros podem resultar em enlaces matrimoniais, nova imigração do homem, para Roma, em noivados prevendo-se a mudança da imigrante para o país de imigração do noivo, etc.

Pelo núcleo de relações transfronteiriças verificam-se algumas mudanças nos projectos futuros tradicionalmente voltados para o retorno à origem. Embora este desejo predomine nos discursos, pode somar-se às perspectivas e expectativas de mudança para outro lugar da diáspora, perto de um familiar e de melhores perspectivas de trabalho e emprego cuja avaliação é recurso fornecido pela rede de relações, inclui-se nas avaliações sobre as vantagens ou desvantagens dos diferentes lugares de imigração a que os membros têm acesso.

Em geral estes contactos representam a continuidade das relações iniciadas ainda em Cabo Verde e pelas quais os que saíram primeiro, sendo ou não familiares, muitas vezes participam dos projectos de emigração dos que ainda ficaram, auxiliando-os materialmente, introduzindo-os na rede de solidariedade ou sustentando implicitamente a necessidade de também partirem. A seguir, na imigração, estas redes embora tratadas como secundárias em relação às principais movimentações entre origem e destinos que costumam definir a diáspora garantem imigrações secundárias, a mudança de um lugar de imigração para outro e as trocas materiais e simbólicas essenciais à sobrevivência da comunidade que, deste modo, supera o perigo da sua dissolução por causa da intensa dispersão dos seus membros.

A participação como membro da diáspora supõe capacidades e disponibilidades para a formulação das suas relações com a família e outros grupos significativos mas fisicamente ausentes. As pessoas possuem os conceitos básicos para o funcionamento de uma organização ou mundo social particular, sendo autorizadas a participar de várias actividades coordenadas porque partilham um vocabulário, uma nova linguagem social e cultural e uma terminologia de percepção e julgamento comuns, além de discriminações em relação a padrões de conduta. Os grupos se formam em torno de pontos de consenso e de zonas de discordância conceitual e,

com base na experiência compartilhada ulterior, emergem novas classificações de si e dos grupos em que participa.

É preciso sublinhar que estamos a denominar esse conjunto de características que as identificam como membros de uma diáspora tomando identidade não no sentido de ego-identidades mas para discutir relações mútuas entre indivíduo e sociedade, o modo pelo qual as pessoas se tornam implicadas umas com as outras e são afectadas e afectam-se mutuamente por meio dessa implicação (Strauss, 1998).

Como diz-nos Hall, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros (Hall, 2001, p. 39).

Uma identidade que se procura por entre as biografias e um processo social como o transnacionalismo do qual emerge, pelo menos em parte, só pode ser captada por entre a dinâmica que define este processo, definido pelo “conjunto de processos pelos quais os imigrantes tecem e enredam relações sociais de natureza múltipla religando suas sociedades de origem e de acolhimento. (...) Em nossos dias, muitos imigrantes constroem espaços sociais que atravessam fronteiras geográficas, culturais, políticas.” (Basch; Glick Schiller e Blanc-Szanton, 1994, p. 6). Os autores destacam que um elemento essencial é a multiplicidade de atividades nas quais se aplicam os imigrantes na sociedade de origem e de destino, ao mesmo tempo e pelas quais “os indivíduos criaram comunidades que atravessam fronteiras e que, num sentido muito concreto, não se situam nem lá nem cá, mas aqui e lá ao mesmo tempo.”(1999, p. 16).

Justifica-se, assim, que as identidades vinculadas a este processo não se apresentem fechadas, totalmente distintas e discrimináveis; o transnacionalismo como processo transformas em identidades situacionais que, no caso aqui tratado, ainda não encontraram, por parte das mulheres, uma denominação específica. Pelo conjunto das práticas transnacionais que realizam com outros significantes ou pelos novos acontecimentos que vão surgindo em seu mundo transfronteiriço, as novas fases dos relacionamentos ganham um reconhecimento ainda vago e sem que tenham criado novos conceitos para defini-los.

Todavia, o facto de não se apresentarem particularmente conscientes ou reflexivas em relação ao que está acontecendo de novo (Strauss, 1998) ou de não serem identificáveis explicações e teorias para a sua ação no espaço transnacional não significa que mudanças

significativas não estejam ocorrendo; a consciência de uma mudança significativa é uma questão simbólica, e como o comportamento muda de alguma forma mas não sob todos os aspectos, algumas mudanças merecem ser consideradas de modo especial e outras parecem triviais, periféricas e irrelevantes. O que dá essa medida? O relato que a pessoa faz da sua vida, que é um ordenamento simbólico dos eventos; os conceitos e interpretações que escolhe entre a multidão inumerável e desordenada dos actos passados para indicar mudanças de autoconcepção e de comportamento que lhe acontece e ao seu senso de identidade, à medida em que se move nas estruturas sociais, para dentro, para fora, para cima e para baixo (Strauss, op.cit.).

Imigrante e membro da diáspora: a formação de novas lealdades

A quase inexistência de abordagens acerca dos núcleos de relações que os cabo-verdianos estabelecem “entre lugares” pode indicar, por um lado, que historicamente as relações transnacionais não se consolidaram claramente como ações associativas identificáveis e sistematizadas – uma das características essenciais do funcionamento de uma diáspora.

No entanto, e pela evidência do incremento e da intensidade actuais das trocas efectuadas entre diferentes lugares de imigração que não passam necessariamente por Cabo Verde, podemos supor que as descrições das mulheres representam, afinal, e pelo menos para os seus núcleos de relações, um momento importante da elaboração de um novo sentido de identidade que, confirma a literatura, necessita de períodos para a consolidação dos ganhos psicológicos. No caso aqui referido, alguns sinais convencionais deste processo, pois esta constelação identitária efectivamente contribui para uma visão unificada de si, do seu passado, presente e futuro e, ainda, as formas de solidariedade experimentadas no interior do grupo permitem superar as situações que são restritivas do sujeito e somar predicados positivos sobre si mesmo e o seu grupo.

Por um lado, os traços comuns das diferentes diásporas são, à partida, uma identidade etnocultural que se exprime por uma comunidade de crença, língua, modo de vida, procedendo de uma fonte territorial e de uma história localizada num espaço de referência, que para a ideologia do conjunto, é a pátria comum, o paraíso perdido. Ao mesmo tempo, é preciso salientar que há uma ordenação evidente da diáspora em relação à imigração, ou seja, para que a saliência do estatuto de membro da diáspora seja identificada, é preciso antes reconhecer que a pessoa tem uma experiência como imigrante e é com esta que o novo status deve se relacionar. Desta afiliação e das actividades que lhe são inerentes resulta um corpo de símbolos que trazidos de fora para dentro, explicam, por exemplo, as diferenças no grau de envolvimento e

nas formas de participação das mulheres nas práticas transnacionais, que devem também ser atribuídas à heterogeneidade que as imigrantes apresentam muito antes de partir, de acordo com a sua classe social de origem, o grupo, os lugares a que pertencem, o período histórico e os contextos em que as deslocações se realizam.

A análise das diferentes afiliações, em particular, as de “imigrante” e de membro de uma diáspora deve considerar que a formação de novas lealdades pode exigir um forçamento radical de desidentificação, com estágios de mudança de um para outro conjunto de lealdades. Mas neste caso, ao invés de uma ruptura absoluta em relação às posições identitárias formadas anteriormente, a afiliação ao núcleo de relações transfronteiriças parece servir para amenizar os efeitos de uma integração no destino (como imigrante) geralmente fundada na exclusão e para preservar os ganhos da imigração que são para si e para o seu grupo.

As descrições indicam situações em que mesmo que num sentido restrito, a afiliação ao núcleo de relações transnacionais é evocado para minimizar experiências no cotidiano que põem em causa a condição de sujeito como, por exemplo, as tentativas fracassadas de negociação de horas semanais de folga, frequentemente sob critério arbitrário dos empregadores. Nestes momentos, a possibilidade de deslocar-se momentaneamente para a posição ocupada no seio desse grupo pode servir para reduzir as implicações subjectivas de uma experiência vivenciada como ataque e desconfirmação de si mesmo e das suas necessidades.

Não sendo uma situação de ruptura extrema, a posição de imigrante como pano de fundo dessa nova fase indica as complementariedades entre as duas constelações identitárias e também supõe que habilidades no jogo interacional estão sendo exercidas ao mesmo tempo em que podem ser conferidas mudanças no desempenho do papel convencional de imigrante. Mesmo que ainda seja necessário dimensionar a extensão das mudanças nas relações e posições social e culturalmente atribuídas, devem ser investigados os tipos de realinhamentos que as novas lealdades provocam nas relações cotidianas na imigração e os resultados pessoais e para o grupo quando o imigrante se descobre profundamente implicado com outros contextos e posições ao mesmo tempo.

Estudos direccionados para as realidades desses núcleos de relações transfronteiriças e estudos comparativos sobre diferentes realidades colectivas construídas por tais núcleos podem esclarecer acerca das qualidades da imigração como um acontecimento social de resultados nem sempre determináveis de antemão, cujas regras e regulamentos são promulgados, mantidos, manipulados, eludidos, alterados ou totalmente destruídos e substituídos, em processos de negociação cotidiana entre os diferentes atores e, para um único ator, em relação às suas diferentes posições identitárias.

Pelo mesmo motivo, também não se pode pensar em observar esta nova constelação identitária isoladamente, apenas em determinados momentos, e colocando-se as demais identidades da pessoa em suspensão. Pelo que é relatado das estratégias cotidianas para lidar com este fato, não seria a identidade ligada às relações transnacionais um recurso contra a ameaça de fragmentação do ego, a defesa no processo de aquisição tardia de um ego estigmatizado e das experiências que procuram contradizer as demais concepções de si e do seu grupo, não necessariamente vinculadas ao estigma da imigração?

O estigma abala cotidianamente a crença em si, o que explica, em parte, como outras localizações sociais se tornam significativas como formas de reivindicação de uma vida para além do estigma. Mudar o estigma, o que quer dizer, reinterpreta o seu significante, recusar-lhe a significação semântica pode implicar, no dizer de Goffman (1988), ao invés de se apoiar na muleta (agir conforme as atribuições a grupos e pessoas desfavorecidas e discriminadas) jogar golfe com ela.

Temos a hipótese de que as categorizações e posições ocupadas na imigração (e em relação aos autóctones) serão afectadas pelo fortalecimento desta localização social e pela intensificação das trocas transfronteiriças no interior da diáspora caboverdiana. Embora não prevendo encontros e interações face-a-face trata-se de uma prática social e, como afirma Enriquez, pelo que ocorre no cotidiano é que se tem acesso ao que é da ordem do poder instituído e ao que se lhe opõe; o conflito ao invés da disfunção, como parte de um processo de mudança e reconhecimento da existência natural de disparidades. O seu aspecto menos conhecido é o de ser o lugar das interações sociais, das desordens imprevistas, movimento no que parece regular, diferença no que parece sempre igual, enfim, matriz aonde nasce e se espalha a mudança (Enriquez, 1990). Esse é, portanto, o lugar privilegiado para se reconhecer o que nas condutas e interações, traduz a mudança social, a ruptura essencial e a transformação das estruturas sociais, dos modos de poder, dos processos de decisão e das relações de trabalho.

Conclusões

Apontada como um objecto de estudo essencial neste momento, a diáspora é um elemento novo que pode tornar-se dominante nas definições e categorizações acerca das pessoas que se deslocam e das que não se deslocam. Para tal deve-se evidenciar o que é da ordem cultural, que concerne ao modo de vida, às formas de pensar e agir, aos comportamentos, práticas e atitudes cotidianas. Resta acrescentar o que dá conta das particularidades e especificidades de um processo em movimento, a nosso ver, descrito pelas

diferentes experiências sociais dos núcleos de relações transnacionais tal como o que envolve parte da comunidade das imigrantes da Itália, não necessariamente orientadas para os mesmos núcleos de relações transnacionais. Pelo seu carácter dinâmico, o status de membro de uma diáspora pode transformar-se tanto num modo de ser como num modo de agir, pois, as novas posições sociais adotadas mostram que servem para o sujeito manter o facto e o senso da continuidade pessoal.

Outra qualidade de novas posições assumidas a partir da imigração é a de evidenciar o papel da diáspora *para* abarcar os termos emigrante/imigrante numa interpretação unificada e como forma de resolução subjectiva das contradições e oposições previstas para tais categorias. Se, por um lado, a diáspora traduz o enfraquecimento do conceito de nação geograficamente localizada, ao mesmo tempo, torna evidente que o grupo continua a sê-lo sobretudo por causa das simbolizações comuns dos seus membros e da experimentação de outras formas de viver a distância e a territorialidade.

A diáspora assegura o impacto da história do grupo sobre a identidade, pretende a continuidade do grupo e da experiência social ; em certo sentido este grupo de diáspora é uma forma de reedificação para recapturar, se possível, algo da atmosfera do passado, mesmo não estando todas as pessoas igualmente envolvidas com o passado da emigração e da mesma maneira. Mas, se a formação e o funcionamento de identidades associadas à diáspora fazem parte de um tipo de movimento regularizado, deve-se também, e como procuramos salientar nesta apresentação, alterar os conceitos de forma a permitir a introdução de todos os ganhos psicológicos da vida em outro lugar, mesmo que, em determinadas situações não exijam a ruptura extrema. Por estes, novos significados são atribuídos às estadias e conotam alterações no perceber, no rememorar e no valorizar, confirmando a passagem de status institucionalizada e a tomada de (outra) posição dentro da imigração.

Hall (2001) nos lembra que, antes, as paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade nos forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais e a experiência migratória atual enfatiza a experiência do indivíduo contemporâneo de viver em vários mundos divergentes ao mesmo tempo. O autor questiona se o resultado é o sujeito tornar-se extirpado de cada um e não ficar à vontade em nenhum deles. Vários autores concordam que a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente, conforme as formas que nos representam e interpelam nos sistemas culturais que nos rodeiam, apoiados em uma definição histórica e não biológica e diferente em diferentes momentos. Afirma Hall que “dentro de nós há identidade contraditórias, empurrando em

diferentes direções, de tal modo que as nossas identificações estão continuamente deslocadas” (2001, p.13).

A experiência das mulheres cabo-verdianas parece caber no que Hall (2001) descobre nos humanos que se deslocam pelo mundo. Conforme aquele autor, pode ser um falso dilema pensar que a identidade está destinada a acabar num lugar ou noutro, ou retornando às suas raízes ou desaparecendo através da assimilação ou homogeneização. Há formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Obrigadas a negociar com as novas culturas, são produtos de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e a várias casas e estão dispostas a renunciar a qualquer tipo de pureza cultural perdida ou absolutismo étnico. Diz Rushdie (*apud* Hall, 2001) que os homens transportados através do mundo, são homens traduzidos, produtos das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Devem aprender a traduzir, habitar e negociar com pelo menos duas identidades, a falar duas linguagens culturais, criando cruzados eus, com os quais se movimentam. Contra os argumentos acerca da sua indeterminação, dupla consciência e relativismo, Rushdie defende as culturas híbridas, destacando que a mistura é a entrada do novo no mando, é a grande possibilidade que a migração de massa dá ao mundo, a mudança-por-fusão, mudança-por-reunião e não por ruptura e dicotomia.

Referências bibliográficas

- ABREU, A. ; SORJ, B.** (1993) Trabalho a domicílio e relações de gênero: as costureiras no Rio e Janeiro, In: ABREU, A. ; SORJ, B. (orgs.) *O trabalho invisível- estudo sobre trabalhadoras a domicílio no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Rio Fundo, p.43-61.
- BASCH, L; GLICK-SCHILLER, N. e BLANC-SZANTON, C.** (1994) *Nations unbound; transnational projects, post-colonial predicaments and de-territorialized nations-states*, Langhorne, PA, Gordon and Breach.
- BAUMAN, Z.** (1999) “Depois do Estado-nação, o quê?”, In: *Globalização. As conseqüências humanas*, Rio de Janeiro, Zahar, pp. 63-84.
- _____ (1999) *Modernidade e Ambivalência*, Rio de Janeiro, Zahar Ed.
- BERRY, W.** (1999) “Intercultural Relations in Plural Societies”, *Canadian Psychology*,40, pp.1-9.
- _____ (2001) “A Psychology of Immigration”, *Journal of Social Issues- immigrants and immigration*, v.57, pp. 615-631.

- BOUIX, M.** (1993) « Le refuge huguenot et les allégeances multiples ». *Colloque sur les réseaux des diasporas*, Chypre, 25-28 avril, 1993, à paraître en 1994.
- BRUNEAU, M.** (1994) « Espaces et territoires de diaspora », *L'Espace géographique, Les Diasporas*, n.1, pp.5-8
- DASSETO, F.** (1990) Pour une théorie des cycles migratoires, In: BASTENIER, A. e DASSETO, F. (eds), *Immigrations et Nouveaux Pluralismes- une confrontation de sociétés*, Bruxelles, Universitaires; De Boeck Université Ed., pp. 11-39.
- ENRIQUEZ, E.** (1990) Le changement social comme processus quotidien, *Sociétés*, n. 28.
- GOFFMAN, E.** (1988) *Estigma- notas sobre a manipulação da imagem deteriorada*, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988.
- HALL, S.** (2001) *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A.
- LAUTIER, B; PEREIRA, J.** (1994) Representações sociais e construção do mercado de trabalho: empregadas domésticas e operários da construção civil da América Latina, *Cadernos CRH*, n.21, p.101-124, jul/dez.
- LEBARON, F.** (1999) Rompre avec les idées reçues, *Actes de la recherche en sciences sociales. Délits d'immigration*, n.129, septembre, p. 3-4.
- MEINTEL, D. " Transnationalité et renouveau de la vie festive capverdienne aux Etats-Unis », *Revue Européenne des Migrations Internationales*, (17) 2, pp.77-90.
- MELLO, S.L de,**(1985) *A sobrevivência, no campo e na cidade, segundo o relato de mulheres da periferia*, tese de livre-docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- _____ (1994) "Pensando o cotidiano em ciências sociais: identidade e trabalho, *Cadernos CERU*, n.5, série2, p.23-31.
- SAYAD, A.** (1999) "Immigration et 'Pensée d'État' ", *Actes de la recherche: Délits d'immigration*, n°129, septembre, pp.5-14
- SCHNAPPER, D.** (2001) « De L'Etat-nation au monde transnational », *Revue Européenne des Migrations Internationales*, (17) 2, pp.9-36.
- SPIRE, A** (1999) De l'étranger à l'immigré. LA magie sociale d'une catégorie statistique, *Actes de la recherche en sciences sociales. Délits d'immigration*, n.129, p. 50-56, septembre.
- STRAUSS, A.L.** (1998) *Espelhos e Máscaras: a busca da identidade*, São Paulo: Edusp.

